

Entre 2015 e 2024

Evolução do consumo de antidepressivos em Portugal

Por Cláudia Furtado e Elisabete Fernandes
DIPE - Direção de Informação e Planeamento Estratégico do Infarmed



Fotos: Mário Amorim/Infarmed Notícias

O consumo de antidepressivos em Portugal tem vindo a aumentar ao longo das últimas décadas^{i,ii}. Os dados analisados neste estudo, com base no indicador Dose Diária Definida por 1000

Habitante por Dia (DHD), que abrangem o período entre 2015 e 2024, corroboram com dados mais recentes esta tendência de crescimento.

Neste período, a utilização total de antidepressivos em Portugal subiu de 94,8 DHD em 2015 para 156,21 DHD em 2024, o que representa um crescimento de 65%.

Trajetória do consumo de antidepressivos entre 2015 e 2024

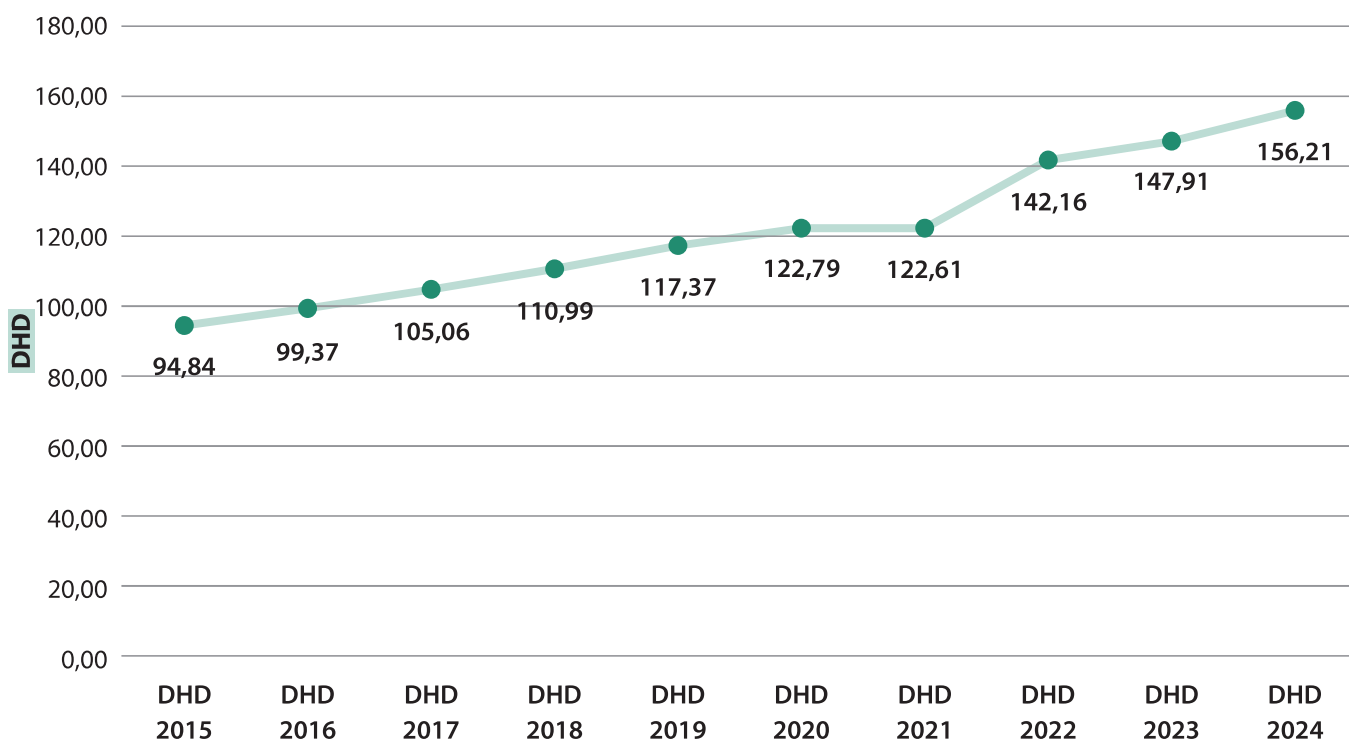


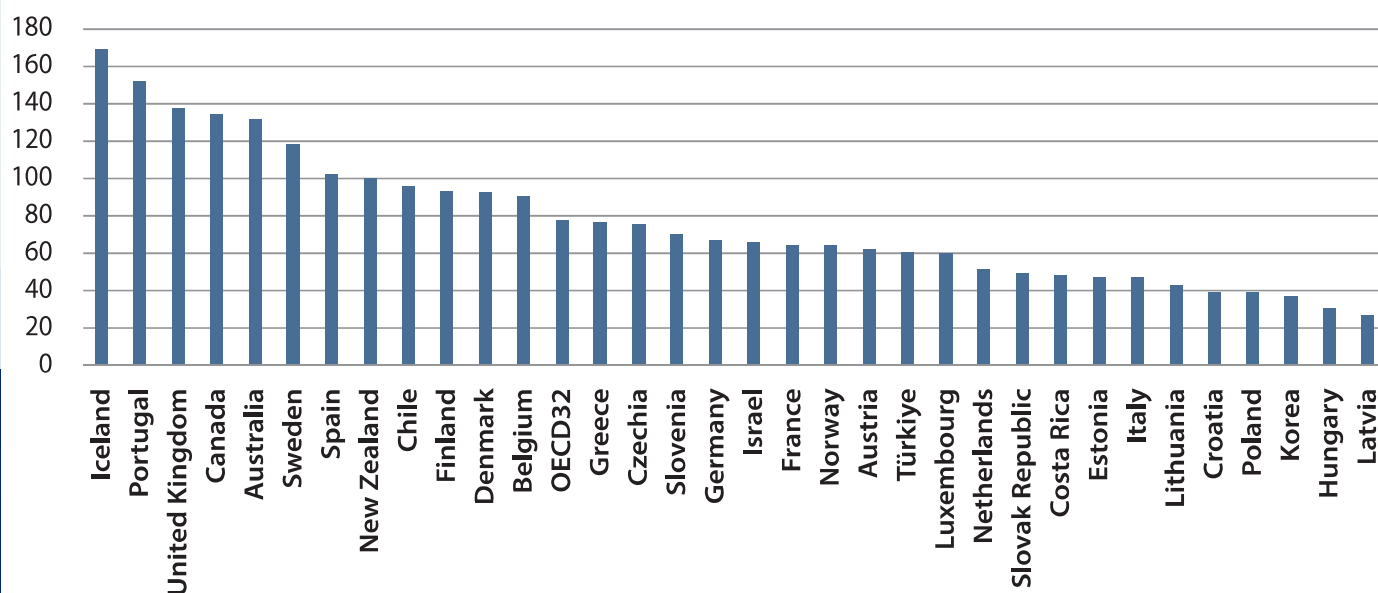
Gráfico 1 – Evolução do consumo entre 2015 e 2024.

Pela observação do Gráfico 1, verificou-se entre 2015 e 2020 uma tendência de crescimento. Entre 2020 e 2021, durante o período pandémico, a utilização estabilizou, provavelmente associado a

uma menor utilização dos cuidados de saúde em situação de confinamento, e a partir de 2022 observou-se um crescimento mais acentuado. Este comportamento no período pós-pandémico pode

estar associado a uma maior incidência de sintomas depressivos e de ansiedade na população, decorrente do confinamento e do isolamento social.

Portugal, segundo maior consumidor de antidepressivos na OCDE



Gáfcico 2 – Utilização de antidepressivos nos países da OCDE.

De acordo com o relatório *Health at a Glance 2025*ⁱⁱⁱ, recentemente publicado, a média da OCDE para consumo de antidepressivos é de 77 DDD por 1000 habitantes/dia. Neste relatório, Portugal, a seguir à Islândia (Gáfcico 2) destaca-se como líder no consumo, com quase o dobro do consumo médio na OCDE, o que é um dado preocupante no que concerne à saúde mental em Portugal.

Esta utilização elevada está em linha com os dados de prevalência da

depressão em Portugal. No relatório *Perfil de Saúde do País*^{iv}, publicado pela OCDE, a prevalência da depressão em Portugal foi superior a 12 % em 2019 e superior à média da União Europeia (UE) em 5 pontos percentuais, o que fez de Portugal o país da UE com a mais elevada taxa de depressão reportada.

De acordo com o Instituto Nacional de Estatística^v, em 2024, com base no modelo *Generalized Anxiety Disorder 2-item (GAD-2)*, 32 % da população

portuguesa com 16 ou mais anos tinham sintomas de ansiedade generalizada e 10,4% níveis de ansiedade mais graves.

Padrão de utilização

Da análise dos dados de 2024, verificou-se que a sertralina lidera a utilização com 43,73 DHD, seguida da escitalopram (31,03). Em 3.º e 4.º lugares nos níveis de utilização surgem a fluoxetina (16,98 DHD) e a venlafaxina (14,68).

Top 15 das DCI mais utilizadas em 2024

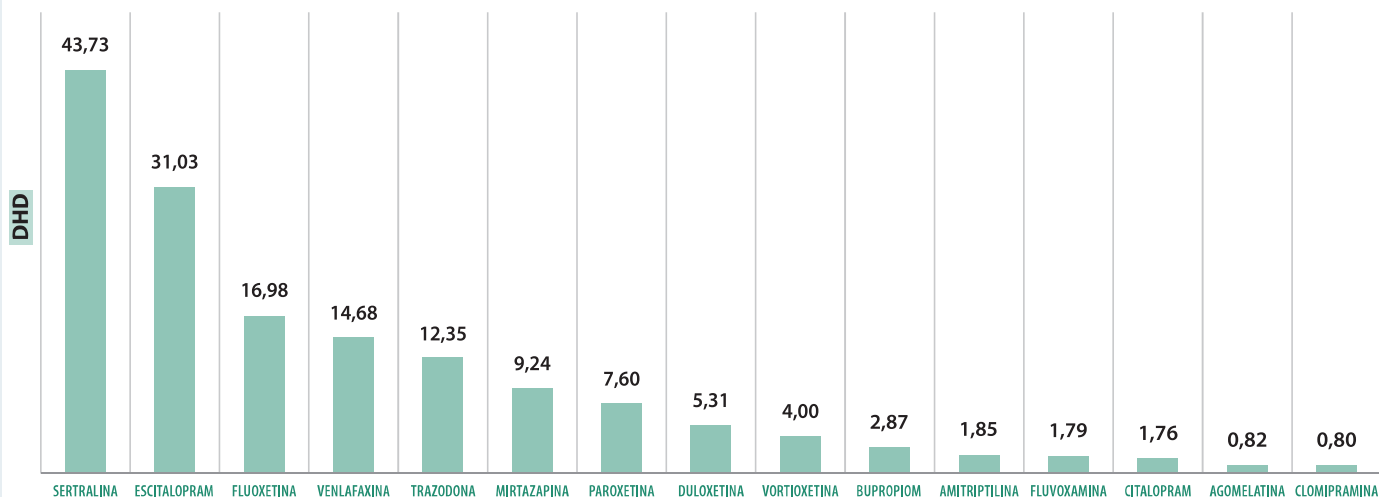


Gráfico 3 – As 15 DCI mais utilizadas em 2024.

Diferenças regionais

A utilização de antidepressivos revela algumas diferenças regionais em Portugal continental. Em 2024, os valores mais baixos registaram-se no Algarve (106,9 DHD), enquanto os mais elevados surgem na Região Centro e Alentejo, com Évora a liderar (208,8 DHD), seguida de Coimbra (190,7), Viseu (190,9) e Portalegre (188,5).

Estas desigualdades podem refletir diferenças na prevalência de ansiedade ou de depressão na população, no acesso a cuidados de saúde mental, no envelhecimento populacional ou nas diferenças socioeconómicas.

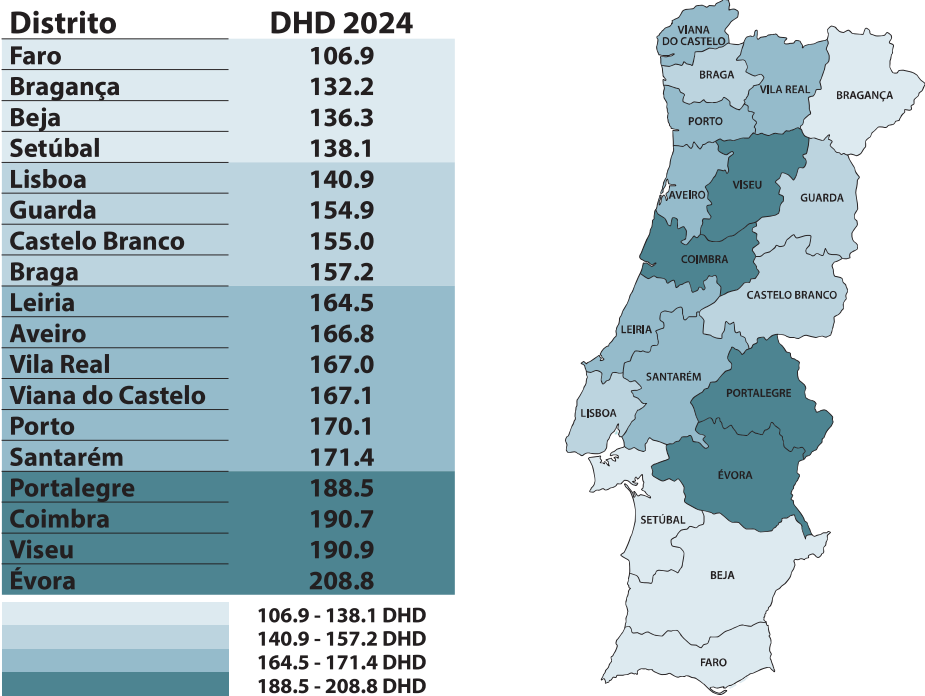


Figura 1 – Realidade do consumo, por distrito, em 2024.

Diferenças entre géneros

Os dados, por género, mostram uma diferença muito pronunciada na utilização de antidepressivos, com uma utilização muito elevada nas mulheres.

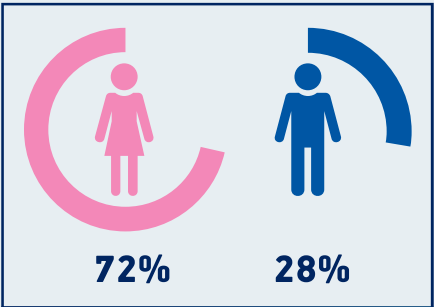


Figura 2 – Consumo de antidepressivos, por género.

Estes dados estão em linha com as disparidades entre homens e mulheres na prevalência da depressão em Portugal. Tal como noutros Estados-membros da UE, a população masculina portuguesa apresenta taxas de depressão mais baixas (7,5 %), em comparação com a população feminina (16,3 %)iv. No entanto, os dados de Portugal revelaram a maior disparidade de género na prevalência da depressão em toda a UE, sendo que 2,2 mulheres por cada homem declaram sofrer de depressão, em comparação com o rácio médio da UE de 1,6 mulheres por cada homem.

Esta diferença pode refletir uma maior prevalência de depressão entre mulheres, maior procura por cuidados de saúde ou diferenças culturais no reconhecimento

da doença e na procura de ajuda.

De acordo com os dados desta análise, existe uma tendência de aumento de consumo, embora com algumas diferenças regionais e entre géneros. O aumento do consumo de antidepressivos pode refletir uma maior prevalência da depressão e de sintomas de ansiedade, o impacto da pandemia e do contexto económico, melhor acesso ao acompanhamento por parte dos profissionais de saúde e maior recurso a abordagens farmacológicas em detrimento de terapias psicológicas, menos acessíveis.

Estes dados reforçam a necessidade de um maior reforço da rede de saúde mental em Portugal, sobretudo em determinadas regiões e na população mais vulnerável.

Referências Bibliográficas

ⁱ Psicofármacos: Evolução do consumo em Portugal Continental (2000 – 2012). Disponível em <https://www.infarmed.pt/web/infarmed/entidades/medicamentos-uso-humano-monitorizacao-mercado/grupos-terapeuticos>

ⁱⁱ INFARMED Notícias Julho 2020. Disponível em <https://www.infarmed.pt/web/infarmed/entidades/medicamentos-uso-humano-monitorizacao-mercado/grupos-terapeuticos>

ⁱⁱⁱ OECD (2025), Health at a Glance 2025: OECD Indicators, OECD Publishing, Paris, <https://doi.org/10.1787/8f9e3f98-en>.

^{iv} OECD/European Observatory on Health Systems and Policies (2023), Portugal: Perfil de saúde do país 2023, State of Health in the EU, OECD Publishing, Paris/ European Observatory on Health Systems and Policies, Brussels. Disponível em https://health.ec.europa.eu/system/files/2024-01/2023_chp_pt_portuguese.pdf

^v INE 2025. Informação Comunicação Social. Dia Mundial de Saúde. Abril de 2025